



Revista Contabilidade & Finanças - USP

ISSN: 1519-7077

recont@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Seidel, André; Kume, Ricardo  
Contabilização das variações da necessidade de capital de giro  
Revista Contabilidade & Finanças - USP, vol. 14, núm. 31, enero-abril, 2003, pp. 66-77  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=257119545005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## CONTABILIZAÇÃO DAS VARIAÇÕES DA NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO

**André Seidel**

Professor na Faculdade Radial  
E-mail: adseidel@uol.com.br

**Ricardo Kume**

Mestrando em Controladoria e Contabilidade pela FEA/USP.  
E-mail: rkume@novoestepetroleo.com.br

### RESUMO

Quando se deseja iniciar uma atividade ou mesmo expandi-la, muito se analisa a necessidade de aplicações em ativos permanentes, mas pouca atenção é dedicada ao “investimento em clientes e estoques”. Dessa forma a concessão de prazo para clientes ou a opção por um aumento nos níveis dos estoques, ambos valores contabilizados no ativo circulante, pode significar uma decisão de investimento tão ou mais duradoura do que aquela efetuada em ativos permanentes.

A Necessidade de Capital de Giro (NCG), e suas variações, podem levar à falência muitas empresas, principalmente pequenas e médias.

Além da preocupação monetária, uma empresa necessita garantir a manutenção de sua estrutura física, permanente e operacional, necessária para suas atividades.

O lucro contabilizado através do Custo Corrente Corrigido (CCC), precisa de ajustes para ser considerado totalmente distribuível; sob nosso ponto de vista, as variações da NCG fazem parte desses ajustes.

A idéia central deste artigo é a criação de uma Reserva de Capital denominada Reserva das Variações da Necessidade de Capital de Giro (RVNCG) como forma de garantir a manutenção do capital físico da empresa, ajustando o lucro passível de distribuição através da contabilização das variações da NCG.

Esse artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, percorremos o embasamento teórico. No desenvolvimento, segunda parte, traçamos os objetivos, as premissas e descrevemos a criação e a contabilização da RVNCG. Na terceira parte, demonstramos a proposta do artigo através de três exemplos numéricos com os respectivos Balanços Patrimoniais e Demonstrações do Resultado, mostrando a utilização proposta da RVNCG; por fim, na quarta e última parte apresentamos nossas conclusões.

**Palavras-chave:** Necessidade de Capital de Giro (NCG), Capital Físico, Custo Corrente Corrigido (CCC), Lucro Passível de Distribuição e “Reserva das Variações da NCG (RVNCG)”.

### ABSTRACT

*When we want to begin or expand an activity, the need to invest in permanent assets is profoundly analyzed, but little attention is given to the investment in clients and inventories. Thus, the terms granted to clients or the option to increase the level of inventories, which are both values registered under the current asset, may mean an investment decision that is as lasting as or even more lasting than that one made in permanent assets.*

*The Working Capital Need (WCN) and its variations may cause bankruptcy for many companies, especially small or medium-sized ones.*

*Besides monetary concerns, a business has to ensure the going concern of its permanent and operational physical structure that is needed for its activity.*

*The profit obtained by means of the Restated Current Cost (RCC) needs some adjustments in order to be considered fully distributable. In our point of view, WCN variation is one of these adjustments.*

*The main idea of this article is the creation of a Capital Reserve called Working Capital Need Variations Reserve (WCNVR), as a way of ensuring the maintenance of the business' physical capital. It adjusts the distributable profit by accounting for WCN variations.*

*The paper is divided into four sections. The first one explores the theoretical foundations. Next, the second part introduces the aims and premises and describes the creation and accounting treatment of WCNVR. The third section provides three numerical examples with their respective Balance Sheets and Income Statements, demonstrating the proposed use of WCNVR. Finally, the last part presents some conclusions.*

**Keywords:** Working Capital Need (WCN), Physical Capital (PC), Restated Current Cost (RCC), Distributing Profit (DP), Working Capital Need Variations Reserve (WCNVR).

## 1. INTRODUÇÃO

A Necessidade de Capital de Giro (NCG) de uma empresa é proveniente das aplicações nas contas do Ativo Circulante Operacional (ACO), como clientes e estoques, menos as origens derivadas do Passivo Circulante Operacional (PCO), como fornecedores, por exemplo. A NCG pode ser financiada através do capital próprio ou de terceiros.

A NCG pode variar por diversos motivos, tais como alterações dos preços dos estoques, aumentos ou diminuições dos níveis da atividade econômica, mudanças nos prazos dos pagamentos de fornecedores e recebimentos de clientes.

Concedendo prazos para clientes superiores aos prazos dos fornecedores, estamos aumentando a NCG. Estes recursos aplicados no capital de giro, somente estarão disponíveis para a empresa quando esses prazos mudarem de forma favorável ou quando a empresa “perder” o(s) cliente(s).

Quando ocorre aumento na NCG, a empresa deve preparar-se para financiá-la. Entendemos que esse financiamento poderá ocorrer através da retenção de lucros, já que as variações da NCG, como demonstramos a seguir, afetam o Lucro Passível de Distribuição (LPD).

Para uma melhor avaliação do LPD, propomos a criação da conta “Reserva das Variações da NCG”, e das contrapartidas denominadas “Variações dos Ativos Operacionais” e “Variações dos Passivos Operacionais”. Nos exemplos desenvolvidos citamos as contas operacionais de forma mais específica, permitindo melhor entendimento de sua utilização.

### 1.1. Necessidade de Capital de Giro - NCG

Para MATARAZZO (1998:344), a NCG é definida a partir das atividades operacionais:

“O Ativo Circulante Operacional - ACO é o investimento que decorre automaticamente das atividades de compra/ produção/ estocagem/ venda, enquanto o Passivo Circulante Operacional - PCO é o financiamento, também automático, que decorre dessas atividades... Portanto:  $NCG = ACO - PCO$ ”

O mais comum é a empresa ter o ACO maior do que o PCO, e portanto necessitar de capital de giro ( $ACO > PCO \Rightarrow NCG > 0$ ). Quando acontece o contrá-

rio, ou seja, o PCO é maior do que o ACO, a empresa tem uma necessidade negativa de capital de giro ( $PCO > ACO \Rightarrow NCG < 0$ ), havendo uma disponibilidade de recursos que pode ser aplicada em outras atividades.

### 1.2. Fontes de Financiamentos da NCG

A NCG pode ser financiada através de:

- Capital de Terceiros: Exigível de Curto e Longo Prazo, tais como, empréstimos bancários, empréstimos de empresas coligadas e controladas;
- Capital Próprio: Patrimônio Líquido, através do aumento de Capital ou da retenção de lucros.

Essas fontes sempre trazem algum custo para a companhia, sendo que o Capital de Terceiros representa um custo direto, através dos juros cobrados e, o Capital Próprio, pela remuneração dos acionistas, via lucros distribuídos.

Mantendo-se o equilíbrio entre ACO e PCO, ou uma relação favorável por um maior volume de PCO, não ocorreria a necessidade de obtenção de novas fontes de financiamento.

Em muitas empresas o maior problema pode não ser o aumento das vendas, mas sim como financiar o aumento dos ACO relacionados.

### 1.3. Variações da NCG

As Variações da NCG, podem ter os seguintes motivos:

- variações nos Preços dos Estoques: aumentos ou reduções do valor dos produtos que a empresa mantém em seus estoques, afeta a NCG;
- variações no “giro” dos Estoques: reduzir ou aumentar o tempo de permanência dos estoques para que seja vendido, a empresa estará diminuindo ou reduzindo (respectivamente) o ciclo operacional e consequentemente a NCG;
- variações nos Níveis da Atividade Econômica: se ocorre uma expansão dos negócios, certamente irão aumentar os investimentos nos ACO, e provavelmente aumentará a NCG;
- variações nos Prazos de Produção: quando se consegue diminuir o tempo de produção, traz com consequência positiva a redução da NCG;
- variações nos Prazos de Pagamentos dos Fornecedores: uma decisão que via de regra não

depende da empresa, principalmente nas pequenas e médias, e que afeta imediatamente o PCO;

- variações nos Prazos de Recebimentos dos Clientes: decisão de foro íntimo da empresa, mas que está sujeita a pressões do mercado, conceder mais prazos significa um aumento do ACO;

Quaisquer dos motivos acima, sempre que aumentarmos a NCG, aumentará a procura por financiamento.

#### 1.4. Variações de Preços

As variações de preços podem ocorrer de forma a afetar apenas a empresa (variações específicas), ou todo o mercado (variações gerais).

MARTINS (2001:52), explica da seguinte forma a diferença entre variações específicas e gerais de preços:

“...as variações gerais e específicas lidam com o comportamento do valor de mercado dos bens e serviços. Elas se diferenciam no tocante à abrangência dos itens acompanhados, bem como seu impacto. Enquanto a primeira tenta medir o impacto dos movimentos dos preços de muitos itens sobre o poder aquisitivo de toda a sociedade, a segunda se circunscreve a um item (ou entidade).”

Enquanto método do Custo Histórico Corrigido (CHC) está vinculado às variações gerais de preços, o método do Custo Corrente Corrigido (CCC) reflete as variações específicas.

A relação entre as variações específicas e gerais de preços podem ocorrer das seguintes formas:

- ambas podem ser muito próximas: neste caso, o resultado da contabilização pelo CHC será também muito próximo do CCC;
- variações acima: quando as variações específicas de preços são muito acima das gerais, o CHC distorcerá o resultado da companhia (superavaliação do lucro) e, conseqüentemente, as análises dele decorrentes. Para se ter uma idéia melhor deste tipo de problema podemos citar o exemplo dos combustíveis no Brasil, que variaram 137,4% em 1999 e 2000, contra uma inflação de 13,4% (IPC / Fipe) no mesmo período;
- variações abaixo: o CHC tenderá a sub-avaliar o lucro da empresa;
- variações opostas: pode acontecer de os preços específicos caírem enquanto existe inflação nos índices gerais, ou ainda, os preços específicos subirem em uma deflação.

#### 1.5. Capital Físico

Segundo SZUSTER (1985:11), o conceito de Capital Físico pode ser assim definido:

“...o patrimônio da empresa é quantificado em termos de uma capacidade de operação, medida através do conjunto de bens necessários a esta, mensurados à data da avaliação. Só haverá lucro quando o patrimônio for superior ao valor dos ativos necessários para assegurar um mesmo nível de atividade.”

A empresa poderá apresentar lucro contábil através do Custo Histórico (CH), CHC ou CCC, mas não ter o seu patrimônio aumentado em Capital Físico. Por exemplo, se a empresa estiver com os estoques no nível ideal e ocorrerem variações específicas de preços acima das variações gerais, será reconhecido o lucro; porém a capacidade de operação da empresa não foi alterada.

Segundo MARTINS (2001:142): “O capital a ser mantido representa o conjunto de ativos líquidos (ativos deduzidos dos exigíveis) que deve permanecer na empresa visando igualar sua situação atual à inicial ou determinada.” O Autor continua, esclarecendo que “fixar o passivo exigível em função da variação específica dos ativos a que estão vinculados pode ser útil nos casos em que haja uma forte correlação entre esses dois itens (concessão automática de crédito em função do volume dos ativos adquiridos).”

Pela nossa perspectiva, a manutenção desse capital físico envolve as contas patrimoniais “vinculadas” aos estoques, como os saldos de contas a receber de clientes, no ACO, e os saldos de contas a pagar, no PCO, todas relacionadas diretamente às atividades da empresa.

Normalmente, uma empresa define a quantidade física ideal dos estoques para sua operação, porém as contas do ACO e PCO têm saldos operacionais ideais que podem ser medidos em função de quantidades físicas dos estoques, tendo portanto os mesmos reflexos quando das variações dos primeiros.

#### 1.6. Lucro Passível de Distribuição

O lucro apresentado pela contabilidade apurado através do CH, CHC ou CCC pode não significar que esteja disponível integralmente para distribuição aos sócios.

Para SZUSTER (1986:239) e (1985:21), “Os métodos tradicionais do CCC, apesar da sua grande

relevância, não são suficientes para o cômputo direto do lucro distribuível relacionado à manutenção da capacidade física da empresa, havendo a necessidade de serem considerados novos fatores...” e, ainda: “...admitindo-se que a empresa esteja em continuidade e não tenha a intenção de se afastar da atividade básica no momento, o lucro só deverá ser considerado passível de distribuição após haver a manutenção da Capacidade Física da empresa. Dessa forma, esta irá se constituir um limite e o lucro só poderá ser distribuído na parcela excedente a esta.”

Em nosso entendimento, as variações da NCG afetam diretamente o Lucro Passível de Distribuição, uma vez que, nos métodos contábeis acima, estas variações não são contabilizadas e nem retidas dos lucros, ou seja, o lucro contábil poderá existir, mas se ocorrer a distribuição, sem levar em conta o impacto das variações da NCG, a empresa poderá enfrentar problemas de caixa.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Objetivos

Os objetivos deste artigo podem ser destacados como:

- garantir a manutenção do capital físico e monetário da empresa após a distribuição de dividendos;
- assegurar esta “garantia” através da:
  - contabilização pelo CCC;
  - contabilização das Variações da NCG;
  - criação de uma Reserva de Capital denominada da “Reserva das Variações da NCG”.
- assegurar que o financiamento da NCG seja realizado pela retenção do Lucro não passível de distribuição (via “Reserva das Variações da NCG”);
- demonstrar o impacto das variações da NCG no Lucro Passível de Distribuição;

### 2.2. Premissas

As premissas adotadas são as seguintes:

- a variação específica de preços nos itens não

monetários (estoques) afeta diretamente os itens monetários (fornecedores e clientes), ou seja, os Ativos Circulantes Operacionais – ACO (estoques e clientes) e Passivos Circulantes Operacionais - PCO (fornecedores) são “vinculados” às variações de preços nos estoques;

- não reconhecemos a realização do lucro sobre a variação de preço do estoque, conceito utilizado no CCC, essa variação será mantida como reserva, que será afetada por novas mudanças nos níveis físicos ou variações de preços;
- no momento inicial dos exemplos, a empresa está com sua estrutura física ideal;
- qualquer que seja o motivo das variações da NCG, deve-se contabilizá-las;
- os estoques e terrenos têm uma variação de preços na ordem de 10%, no momento inicial;
- a variação verificada nos Terrenos é contabilizada como Lucro não realizado, conforme prática do método de CCC;
- em função da variação de preços do estoque os preços de venda e compra também variaram na mesma proporção;
- dentro de um período é vendida e repostada a totalidade do estoque;
- compras a prazo são pagas ao fim de três períodos, enquanto vendas a prazo são recebidas em dois períodos;
- todo o lucro passível de distribuição é distribuído integralmente;
- o caixa da empresa será mantido “zerado” durante todo o exemplo, em função da premissa anterior.

### 2.3. Tratamento das Variações da NCG

Propomos a criação de uma Reserva de Capital, denominada Reserva das Variações da NCG - RVNCG, decorrente das variações ocorridas nos itens do ACO e PCO que afetam diretamente a NCG.

A reserva será creditada/debitada como abaixo.

#### Quadro 1 – Contabilização na criação da Reserva de Variações da NCG

Item Afetado	Movimento	Lançamentos		
		ACO	PCO	Reserva Variação NCG
ACO	Aumento	Débito		Crédito
ACO	Redução	Crédito		Débito
PCO	Aumento		Crédito	Débito
PCO	Redução		Débito	Crédito

Fonte: elaboração dos autores

As variações, aumentos e reduções, do ACO e PCO deverão ser registradas em contas específicas de variação, para cada item que lhe der origem.

Quando da realização dos itens do ACO e PCO, essas variações deverão ser levadas para resultado, proporcionalmente à parcela realizada, afetando o lucro passível de distribuição.

Com esses instrumentos estaremos facilitando a manutenção do Patrimônio Líquido em sua estrutura física considerada ideal, afetada pelas variações específicas, e o lucro passível de distribuição será melhor visualizado diretamente na demonstração do resultado.

### 3. EXEMPLOS

Iremos desenvolver três situações para análise:

#### 1 – Vendas a prazo e Compras a prazo:

A empresa não efetua transações a vista, estando em equilíbrio o montante de aplicações em financiamento de clientes (contas a receber) e origens de financiamentos de fornecedores (contas a pagar).

#### 2 – Vendas a prazo e Compras a vista:

A empresa efetua somente suas vendas a prazo, necessitando sempre de recursos para o financiamento de clientes (contas a receber).

#### 3 – Vendas à vista e Compras a prazo:

A empresa efetua suas compras a prazo, dispondo, além de seu capital próprio, de capitais de terceiros, oriundos de financiamentos de fornecedores (contas a pagar).

Em todas elas apresentaremos:

- Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício, NCG ao fim de cada período e Variação da NCG no período;
- Saldo inicial, com estrutura física ideal que servirá de base;
- Saldo inicial ajustado, contemplando os efeitos da variação de preços específica, definida anteriormente;
- Movimentações em períodos suficientes para o giro total do contas a receber e/ou a pagar; e
- Um período adicional para verificar o resultado após os giros totais do contas a receber e contas a pagar.

### 3.1. Vendas à Prazo e Compras à Prazo

Quadro 2 – exemplo 1

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado		Saldo Per. 1		Saldo Per. 2		Saldo Per. 3		Saldo Per. 4	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.
<b>ATIVO</b>												
Caixa	-		-		-		-		-		-	
Estoque	2.000	200	2.000	182	2.200	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200
Variações dos Estoques			200	18								
Contas a Receber	6.000	600	6.000	545	6.300	573	6.600	600	6.600	600	6.600	600
Variações do Ctas. a Receber			600	55	300	27	-		-		-	
<b>ACO</b>	8.000	800	8.800	800	8.800	800	8.800	800	8.800	800	8.800	800
Terrenos	6.000	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600
<b>Total ATIVO</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>
<b>PASSIVO E PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>												
Contas a Pagar	6.000	600	6.000	545	6.200	564	6.400	582	6.600	600	6.600	600
Variações do Contas a Pagar			600	55	400	36	200	18	-		-	
<b>Total PASSIVO (PCO)</b>	<b>6.000</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>
Capital	8.000	800	8.000	727	8.000	727	8.000	727	8.000	727	8.000	727
Reservas de Capital												
Estoque			200	18	200	18	200	18	200	18	200	18
Contas Receber			600	55	600	55	600	55	600	55	600	55
Contas Pagar	-		(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)
Reserva de NCG	-	-	200	18	200	18	200	18	200	18	200	18
Cap+ Res. Capital	8.000	800	8.200	745	8.200	745	8.200	745	8.200	745	8.200	745
Lucros Acumulados	-		-		-		-		-		-	
Lucros não Realizados	-		600	55	600	55	600	55	600	55	600	55
<b>Total Patr. Líquido</b>	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>
<b>Total PASSIVO + PL</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>
<b>RESULTADO DO PERÍODO</b>												
Receita Vendas					3.300		3.300		3.300		3.300	
CMV					(2.000)		(2.200)		(2.200)		(2.200)	
<b>Lucro Líquido</b>					<b>1.300</b>		<b>1.100</b>		<b>1.100</b>		<b>1.100</b>	
Realização das Variações												
Estoque					(200)							
Contas a Receber					(300)		(300)					
Contas a Pagar					200		200		200			
<b>Lucro Passível de Distribuição</b>					<b>1.000</b>		<b>1.000</b>		<b>1.300</b>		<b>1.100</b>	
<b>NCG (ACO - PCO)</b>	<b>2.000</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>
<b>Variação NCG</b>			<b>200</b>									

Fonte: elaboração dos autores

- as variações de Contas a Receber e Contas a Pagar, em equilíbrio no exemplo, não têm efeito líquido sobre a NCG, que é afetada somente pela variação de preços sobre o estoque.
- conforme a metodologia do CCC, o valor de \$200, referente à variação no estoque, seria contabilizado como reserva de lucro não realizado, transitando posteriormente pelo resultado

como lucro realizado, sendo passível de distribuição, o que acarretaria um diminuição da estrutura física do PL.

- os lucros não realizados referem-se somente à variação da avaliação do Imobilizado – Terrenos.
- a RVNCG, juntamente com os lucros não realizados, contribuiu para a manutenção da estrutura física do PL.

Quadro 3 – Exemplo 1 – Manutenção Estrutura Física do PL

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.
Capital	8.000	800	8.000	727
RVNCG			200	18
Lucro não Realizado			600	55
	8.000	800	8.800	800

Fonte: elaboração dos autores



- a retenção líquida de \$200 no resultado corresponde somente a variação do estoque, pois as contas a receber e contas a pagar estavam em equilíbrio, e suas variações se anulam. Foi suficiente para cobrir a NCG decorrente do ajuste de preços específicos efetuado no saldo inicial. Resumimos no quadro abaixo.

#### Quadro 4 – Ajustes ao Resultado

	Saldo Per. 1	Saldo Per. 2	Saldo Per. 3	Total
Lucro Líquido	1.300	1.100	1.100	3.500
Realização das Variações				
Estoque	(200)			(200)
Contas a Receber	(300)	(300)		(600)
Contas a Pagar	200	200	200	600
Total Variações	(300)	(100)	200	(200)
Lucro Passível de Distribuição	1.000	1.000	1.300	3.300

Fonte: elaboração dos autores

Se não ocorresse essa retenção, o resultado seria maior, e não haveriam recursos suficientes para o pagamento dos dividendos, pois o caixa mantém-se “zerado” ao longo do tempo.

#### 3.1.1. Exemplo 1.1 - Vendas à Prazo e Compras à Prazo – NCG Financeira

Sabemos da discussão sobre a validade do cálculo da NCG utilizando-se do saldo total do Contas a Receber sem exclusão da margem.

Diversos autores, como DOLABELLA (1995:120), MARQUES e BRAGA (1995:49), entre outros, ressaltam a necessidade de segregação da NCG entre a perspectiva contábil (NCG

Contábil) e financeira (NCG Financeira).

A primeira é calculada utilizando-se o valor total do contas a receber, enquanto a segunda deve ser calculada desconsiderando-se a margem embutida no contas a receber, uma vez que esse valor não representa um desembolso financeiro efetuado, e não aumenta a NCG.

No exemplo anterior utilizamos a NCG Contábil, e a seguir apresentamos o mesmo exemplo, porém considerando a NCG Financeira.

Para isso separamos o valor de Contas a Receber entre custo e margem, não considerando o valor referente a margem na constituição da RVNCG. Apresentamos também o valor da NCG desconsiderando a margem.



Quadro 5 - Exemplo 1.1

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado		Saldo Per. 1		Saldo Per. 2		Saldo Per. 3		Saldo Per. 4	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.
<b>ATIVO</b>												
Caixa+Bancos	-	-	-	-	(100)	(9)	(200)	(18)	(200)	(18)	(200)	(18)
<b>Ativo Circulante Financeiro</b>	-	-	-	-	(100)	(9)	(200)	(18)	(200)	(18)	(200)	(18)
Estoque	2.000	200	2.000	182	2.200	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200
Variações dos Estoques	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Contas a Receber - Custo	4.000	400	4.000	364	4.200	382	4.400	400	4.400	400	4.400	400
Variações do Ctas. a Receber - Custo	-	-	400	36	200	18	-	-	-	-	-	-
Contas a Receber - Margem	2.000	200	2.000	182	2.100	191	2.200	200	2.200	200	2.200	200
Variações do Ctas. a Receber - Margem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>ACO</b>	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.600</b>	<b>782</b>	<b>8.700</b>	<b>791</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>
Terrenos	6.000	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600
<b>Total ATIVO</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>
<b>PASSIVO E PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>												
Contas a Pagar	6.000	600	6.000	545	6.200	564	6.400	582	6.600	600	6.600	600
Variações do Contas a Pagar	-	-	600	55	400	36	200	18	-	-	-	-
<b>Total PASSIVO (PCO)</b>	<b>6.000</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>
Capital	8.000	800	8.000	727	8.000	727	8.000	727	8.000	727	8.000	727
Reservas de Capital	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Estoque	-	-	200	18	200	18	200	18	200	18	200	18
Contas a Receber - Custo	-	-	400	36	400	36	400	36	400	36	400	36
Contas a Receber - Margem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Contas Pagar	-	-	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)
Reserva de NCG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cap. + Res Capital	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.000</b>	<b>727</b>	<b>8.000</b>	<b>727</b>	<b>8.000</b>	<b>727</b>	<b>8.000</b>	<b>727</b>	<b>8.000</b>	<b>727</b>
Lucros Acumulados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lucros não Realizados	-	-	600	55	600	55	600	55	600	55	600	55
<b>Total Patr. Líquido</b>	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.600</b>	<b>782</b>	<b>8.600</b>	<b>782</b>	<b>8.600</b>	<b>782</b>	<b>8.600</b>	<b>782</b>	<b>8.600</b>	<b>782</b>
<b>Total PASSIVO + PL</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>	<b>15.200</b>	<b>1.382</b>
<b>RESULTADO DO PERÍODO</b>												
Receita Vendas	-	-	-	-	3.300	-	3.300	-	3.300	-	3.300	-
CMV	-	-	-	-	(2.000)	-	(2.200)	-	(2.200)	-	(2.200)	-
<b>Lucro Líquido</b>	-	-	-	-	<b>1.300</b>	-	<b>1.100</b>	-	<b>1.100</b>	-	<b>1.100</b>	-
Realização das Variações	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Estoque	-	-	-	-	(200)	-	-	-	-	-	-	-
Contas a Receber - Custo	-	-	-	-	(200)	-	(200)	-	-	-	-	-
Contas a Receber - Margem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Contas a Pagar	-	-	-	-	200	-	200	-	200	-	200	-
<b>Lucro Passível de Distribuição</b>	-	-	-	-	<b>1.100</b>	-	<b>1.100</b>	-	<b>1.300</b>	-	<b>1.100</b>	-
<b>NGC Contábil</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>NGC = (ACO - PCO)</b>	<b>2.000</b>	<b>200</b>	<b>2.000</b>	<b>182</b>	<b>2.100</b>	<b>191</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>
<b>Variação NCG</b>	-	-	-	-	<b>100</b>	<b>9</b>	<b>100</b>	<b>18</b>	-	-	-	-
<b>Variação NCG acumulada</b>	-	-	-	-	<b>100</b>	<b>9</b>	<b>200</b>	<b>18</b>	<b>200</b>	<b>18</b>	<b>200</b>	<b>18</b>
<b>NGC Financeira</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>NGC = (ACO - Margem - PCO)</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Variação NCG</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: elaboração dos autores

Quadro 6 – Exemplo 1.2 – Variação da Estrutura Física do PL

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.
Capital	8.000	800	8.000	727
RVNCG				
• Estoques			200	18
• Contas a Receber			400	36
• Contas a Pagar			(600)	(55)
			0	0
Lucro não Realizado			600	55
	8.000	800	8.600	782

Fonte: elaboração dos autores

A não constituição da RVNCG referente a parcela da margem (\$200) do contas a receber, fez com que a empresa distribuisse lucros, contribuindo para a variação negativa da estrutura física do PL (de 800 unidades para 782).

No exemplo mostramos que a distribuição a maior em \$100 no Período 1 e \$100 no período 2, leva à

empresa a buscar o mesmo volume de recursos em Bancos.

Nos demais exemplos, será utilizada apenas a NCG Contábil, já que uma das premissas deste artigo é a manutenção da estrutura patrimonial sob o aspecto físico, não considerada na análise da NCG Financeira.

### 3.2. Vendas à Prazo e Compras à Vista

Quadro 7 - Exemplo 2

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado		Saldo Per. 1		Saldo Per. 2		Saldo Per. 3		Saldo Per. 4	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.
<b>ATIVO</b>												
Caixa	-		-		-		-		-		-	
Estoque	2.000	200	2.000	182	2.200	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200
Variações dos Estoque			200	18								
Contas a Receber	6.000	600	6.000	545	6.300	573	6.600	600	6.600	600	6.600	600
Variações do Ctas. a Receber			600	55	300	27	-		-		-	
<b>ACO</b>	8.000	800	8.800	800	8.800	800	8.800	800	8.800	800	8.800	800
Terrenos	6.000	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600
<b>Total ATIVO</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>
<b>PASSIVO E PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>												
Contas a Pagar	-		-		-		-		-		-	
Variações do Contas a Pagar												
<b>Total PASSIVO (PCO)</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
Capital	14.000	1.400	14.000	1.272	14.000	1.272	14.000	1.272	14.000	1.272	14.000	1.272
Reserva de Capital												
Estoque			200	18	200	18	200	18	200	18	200	18
Contas Receber			600	55	600	55	600	55	600	55	600	55
Contas Pagar	-		-		-		-		-		-	
Reserva de NCG			800	73	800	73	800	73	800	73	800	73
Cap+ Res. Capital	14.000	1.400	14.800	1.345	14.800	1.345	14.800	1.345	14.800	1.345	14.800	1.345
Lucros Acumulados	-		-		-		-		-		-	
Lucros não Realizados			600	55	600	55	600	55	600	55	600	55
<b>Total Patr. Líquido</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>
<b>Total PASSIVO + PL</b>	<b>14.000</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>	<b>15.400</b>	<b>1.400</b>
<b>RESULTADO DO PERÍODO</b>												
Receita Vendas					3.300		3.300		3.300		3.300	
CMV					(2.000)		(2.200)		(2.200)		(2.200)	
<b>Lucro Líquido</b>					1.300		1.100		1.100		1.100	
Realização das Variações												
Estoque					(200)							
Contas a Receber					(300)		(300)					
Contas a Pagar												
<b>Lucro Passível de Distribuição</b>					<b>800</b>		<b>800</b>		<b>1.100</b>		<b>1.100</b>	
<b>NCG (ACO - PCO)</b>	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>
<b>Variação NCG</b>				<b>800</b>								

Fonte: elaboração dos autores

A RVNCG, juntamente com os lucros não realizados, contribuiu para a manutenção da estrutura física do PL.

Quadro 8 – Exemplo 2 Manutenção Estrutura Física do PL

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.
Capital	14.000	1.400	14.000	1.272
RVNCG			800	73
Lucro não Realizado			600	55
	14.000	1.400	15.400	1.400

A retenção no resultado de \$800, correspondente a variação dos itens do ACO (\$200 – estoques e \$600 – contas a receber), foi suficiente para cobrir a Variação da NCG decorrente do ajuste de preços específicos efetuado no saldo inicial. Resumimos no quadro abaixo.

**Quadro 9 – Exemplo 2 - Ajustes ao resultado**

	Saldo	Per.1	Saldo	Per.2	Saldo	Per.3	Total
Lucro Líquido		1.300		1.100		1.100	3.500
Realização das Variações							
Estoques		(200)					(200)
Contas a Receber		(300)		(300)			(600)
Contas a Pagar							
Total Variações		(500)		(300)			(800)
Lucro Passível de Distribuição		800		800		1.100	2.700

Fonte: elaboração dos autores

Se não ocorresse essa retenção o resultado seria maior, e não haveriam recursos suficientes para o pagamento dos dividendos, pois o caixa mantém-se “zerado” ao longo do tempo.

### 3.3. Vendas à Vista e Compras à Prazo

**Quadro 10 – Exemplo 3**

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado		Saldo Per. 1		Saldo Per. 2		Saldo Per. 3		Saldo Per. 4	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.	\$	Qtd.
<b>ATIVO</b>												
Caixa	-		-		-		-		-		-	
Estoques	2.000	200	2.000	182	2.200	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200
Variações dos Estoques			200	18								
Contas a Receber	-		-		-		-		-		-	
Variações do Ctas. a Receber												
<b>ACO</b>	2.000	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200	2.200	200
Terrenos	6.000	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600	6.600	600
<b>Total ATIVO</b>	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>
<b>PASSIVO E PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>												
Contas a Pagar	6.000	600	6.000	545	6.200	564	6.400	582	6.600	600	6.600	600
Variações do Contas a Pagar			600	55	400	36	200	18	-	-	-	-
<b>Total PASSIVO (PCO)</b>	<b>6.000</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>	<b>6.600</b>	<b>600</b>
Capital	2.000	200	2.000	182	2.000	182	2.000	182	2.000	182	2.000	182
Reserva de Capital												
Estoque			200	18	200	18	200	18	200	18	200	18
Contas Receber												
Contas Pagar			(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)	(600)	(55)
Reserva de NCG			(400)	(37)	(400)	(37)	(400)	(37)	(400)	(37)	(400)	(37)
Cap + Res. Capital	2.000	200	1.600	145	1.600	145	1.600	145	1.600	145	1.600	145
Lucros Acumulados												
Lucros não Realizados			600	55	600	55	600	55	600	55	600	55
<b>Total Patr. Líquido</b>	<b>2.000</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>	<b>2.200</b>	<b>200</b>
<b>Total PASSIVO + PL</b>	<b>8.000</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>	<b>8.800</b>	<b>800</b>
<b>RESULTADO DO PERÍODO</b>												
Receita Vendas					3.300		3.300		3.300		3.300	
CMV					(2.000)		(2.200)		(2.200)		(2.200)	
<b>Lucro Líquido</b>					<b>1.300</b>		<b>1.100</b>		<b>1.100</b>		<b>1.100</b>	
Realização das Variações												
Estoques					(200)							
Contas a Receber												
Contas a Pagar					200		200		200			
<b>Lucro Passível de Distribuição</b>					<b>1.300</b>		<b>1.300</b>		<b>1.300</b>		<b>1.100</b>	
<b>NCG (ACO - PCO)</b>	<b>(4.000)</b>	<b>(400)</b>	<b>(4.400)</b>	<b>(400)</b>	<b>(4.400)</b>	<b>(400)</b>	<b>(4.400)</b>	<b>(400)</b>	<b>(4.400)</b>	<b>(400)</b>	<b>(4.400)</b>	<b>(400)</b>
<b>Variação NCG</b>			<b>(400)</b>									

Fonte: elaboração dos autores

Como visto anteriormente, a RVNCG, em conjunto com os lucros não realizados, contribuiu para a manutenção da estrutura física do PL;

### Quadro 11 – Exemplo 3 Manutenção Estrutura Física

	Saldo Inicial		Saldo Inicial Ajustado	
	\$	Qtd.	\$	Qtd.
Passivo	6.000	600	6.600	600
Capital	2.000	200	2.000	182
Reserva de NCG			(400)	(37)
	2.000	200	1.600	145
Lucro não Realizado			600	55
Total PL	2.000	200	2.200	200
Total Passivo + PL	8.000	800	8.800	800

Se efetuarmos essa mesma comparação somente para o Capital e Reservas de Capital, no exemplo, a RVNCG, verificamos que ocorreu uma redução, tanto no aspecto monetário como no físico, isso decorre da alteração da relação entre capitais próprios e capitais de terceiros.

O maior volume de recursos distribuídos a título de dividendos efetivamente representou um distribui-

ção de parte do capital, representada no exemplo por uma RVNCG negativa de \$400.

Como houve um aumento do volume financiado por terceiros, o reajuste no contas a pagar, a realização das variações dos itens do ACO e PCO, ajustou o resultado disponibilizando esses recursos para os acionistas.

### Quadro 12 – Exemplo 2 Ajustes ao Resultado

	Saldo Per. 1	Saldo Per. 2	Saldo Per. 3	Total
Lucro Líquido	1.300	1.100	1.100	3.500
Realização das Variações				
Estoques	(200)			(200)
Contas a Receber				
Contas a Pagar	200	200	200	600
Total Variações	-	200	200	400
Lucro Passível de Distribuição	1.300	1.300	1.300	3.900

## 4. CONCLUSÕES

O acompanhamento da NCG e suas variações é de grande importância para qualquer empresa, sendo que um dos fatores que afeta a fonte de financiamento da NCG é a distribuição, como dividendos, de recursos necessários à manutenção da estrutura física da empresa.

Quando a empresa está com seus estoques em níveis ideais, o lucro contábil gerado pelo aumento dos preços tem que ser revertido ao próprio estoque. A metodologia atual para CCC precisa ser reavaliada quanto ao reconhecimento desta variação como lucro realizado e passível de distribui-

ção. Como demonstramos, esse tratamento possibilita a retirada de recursos da empresa, que deveriam estar sendo utilizados para financiar o aumento do investimento nos estoques.

A contabilização da Reserva das Variações da NCG contribui para uma melhor visualização dos recursos disponíveis para distribuição como dividendos, sem prejuízo do capital de giro e do PL da empresa, pois todos os impactos sobre a NCG já estão contemplados no resultado passível de distribuição.

Na situação contrária, quando ocorre um aumento dos recursos de terceiros, em função de um aumento no PCO, a RVNCG demonstra com

clareza qual o volume de recursos que está sendo revertido para os acionistas, representando parte do capital não mais necessário no capital de giro

da empresa, substituído por capital de terceiros, para manutenção da estrutura física ideal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Geraldo. Lucro Inflacionário e Fluxo de Caixa. Caderno de Estudos – FIPECAFI, São Paulo, v.8, nº 1, p.19-31, janeiro/junho 1996.

BARBIERI, Geraldo, KUME, Ricardo e SEIDEL, André. Variações de Preços nos Estoques e Seus Impactos no Fluxo de Caixa de Empresas Comerciais. Congreso IIC-ACODI 2001, Universidad de León, España, julho 2001.

DOLABELLA, Maurício Melo. Mensuração e simulação das necessidades de capital de giro e dos fluxos financeiros operacionais: um modelo de informação contábil para a gestão financeira. Universidade de São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Contabilidade e Controladoria) – Departamento de Contabilidade e Atuária – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

EDWARDS, Edgar O. e BELL, Philip W.. The Theory and measurement of business income. University of California, 1961.

MARQUES, José Augusto Veiga da Costa e BRAGA, Roberto. Análise dinâmica do capital de giro – O modelo Fleuriet. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, 1995, v35, nº 3, p. 49 – 63, maio/junho 1995.

MARTINS, Eliseu. Avaliação de Empresas: da Mensuração Contábil à Econômica. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Eliseu. Avaliação de Empresas: da Mensuração Contábil à Econômica. Boletim do IBRACON, São Paulo, nº 264, 2000.

MARTINS, Eliseu. Contabilidade Versus Fluxo de Caixa. IOB – Caderno Temática Contábil e Balanços, São Paulo, Boletim nº 32/89, 1989.

MATARAZZO, Dante C. Análise Financeira de Balanços. São Paulo: Atlas, 1998.

NETO, Alexandre Assaf e SILVA, César Augusto Tibúrcio. Administração do Capital de Giro. Editora Atlas, 1995.

SZUSTER, Natan. Análise do lucro passível de distribuição: uma abordagem reconhecendo a manutenção do capital da empresa. Tese (Doutorado em Contabilidade e Controladoria) – Departamento de Contabilidade e Atuária – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1985.

SZUSTER, Natan. Cálculo e análise do lucro passível de distribuição: uma abordagem que reconhece a manutenção do capital da empresa. Revista Brasileira de Mercados de Capitais. Rio de Janeiro, nº 35, p. 225-241, julho/setembro 1986.